

PEQUENO HISTÓRICO DE UMA PESQUISA – AS LINHAS DE OLAUDAH EQUIANO (1745-1797)

Monica Valéria Silva de Queiroz Vargas

iaromila@superig.com.br

Resumo: Este artigo apresenta os primeiros resultados da pesquisa de mestrado, iniciada em abril deste ano no PPGHIS da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, cujo objeto é a autobiografia de Olaudah Equiano ou Gustavus Vassa publicada pela primeira vez em 1789, na cidade de Londres.

Abstract: This article presents the first results of the MSc research that has begun in April 2004 at the History Post Graduation Program of the Universidade do Estado do Rio de Janeiro. The objective is to study Olaudah Equiano or Gustavus Vassa's autobiography that was published for the first time in London in 1789.

Olaudah Equiano: um nome que se destacava entre nomes tipicamente britânicos em correspondências de alguns abolicionistas escoceses, captou minha atenção de imediato. Foi assim que tomei conhecimento sobre esse homem e seu livro de memórias, que são bastante conhecidos na Europa e Estados Unidos, mas do qual eu nunca tinha lido qualquer comentário no Brasil. Ao ler a narrativa, que o autor intitula "A interessante narrativa de Olaudah Equiano ou Gustavus Vassa – o Africano"¹, surgiram diversos questionamentos, sobre o autor e sua obra, mas que foram tomando outros direcionamentos na medida que decidi pela pesquisa.

Este artigo apresenta o personagem e alguns intuitos de seu livro, que no contexto do movimento contra o tráfico de escravos e das discussões que vinham sendo travadas na segunda metade do século XVIII na Inglaterra, foi possível e obter relativo sucesso. Versaremos brevemente sobre a escrita autobiográfica e alguns de seus desdobramentos e propostas. Estas são as primeiras linhas sobre esta pesquisa de mestrado, que tem se mostrado um exercício instigante e desafiador.

Ao iniciar uma pesquisa somos perpassados por um "apaixonamento", que se transforma, sem esvaecer-se por completo, pelo objeto. A pesquisa é um caminhar. Na medida que passamos a conhecer os conceitos básicos, analisamos a documentação, o discurso, verificamos a historiografia sobre o assunto e começamos a conhecer o contexto e historicidade do objeto. Passamos a perceber elementos que não enxergávamos, que nos passavam como "naturais" e sem necessidade de questionamento.

No início, ainda movido tão somente pelo interesse pelo personagem, a leitura que fizemos de Olaudah foi a de um homem que conta sua vida desde a infância até a fase adulta num livro de memórias, cujo discurso é provido de uma certa "aura" de verdade por ser um testemunho, um relato de um tempo. Mas ao aprofundamos este interesse em um intuito pela pesquisa, percebemos que um livro (ficcional, biográfico ou autobiográfico) possui muitos aspectos que o constituem. Há muitos elementos característicos desta "verdade". As discussões conceituais sobre autobiografia e memória têm mostrado que para além desse objetivo de buscar um testemunho nas linhas de si, há também a possibilidade de o próprio fazer autobiográfico ser historicizado, e esta tem sido uma descoberta bastante pertinente e interessante.

Mas o proposto exercício ainda está longe de findar, posto que ainda há poucas conclusões e muitas dúvidas. Conheçamos então um pouco do objeto desta pesquisa, Olaudah Equiano ou Gustavus Vassa e sua narrativa.

O próprio Olaudah Equiano informa ao seu leitor seu ano de nascimento: "...este reino é dividido em muitas províncias ou distritos; em um dos mais remotos e férteis desses distritos, de nome Essaka, situado num belo vale, eu nasci, no ano de 1745."²

Phillip Curtin³ fez uma extensa pesquisa sobre as “Áfricas Relembradas” e apresenta Olaudah como um produto do crescente interesse europeu, em fins do século XVIII, por culturas africanas. Este autor analisa principalmente a primeira parte da narrativa, e através de palavras usadas por Olaudah, algumas festas e costumes, localiza-o na África Ocidental, entre os Ika Igbo, onde hoje é o nordeste da Nigéria. Curtin também afirma que a importância do texto de Olaudah está no fato de que, a despeito de suas capacidades e habilidades, os africanos sempre eram associados com a escravidão e o trabalho servil tão somente. Equiano foi um dos poucos de seu tempo que pôde provar estar acima disto.

James Walvin⁴ contextualiza Olaudah Equiano no tráfico Atlântico de escravos, em suas relações e contradições. Segundo este autor, Olaudah é o mais famoso membro da comunidade negra que havia se desenvolvido na Grã-Bretanha no século XVIII, considerando-o como uma proeminente figura histórica e literária, e ainda um best-seller, uma figura, um tanto, mítica na África Ocidental, América e Europa.

Segundo Ângelo Constanzo⁵, surgiram dois livros durante o pico do movimento abolicionista na Inglaterra da década de 80, um de Ottobah Cugoana e a autobiografia de Olaudah Equiano. Para ele, o livro de Olaudah é memorável porque é um dos precursores das chamadas autobiografias espirituais, que além de versar sobre a conversão, apresenta um personagem esforçado que atingiu sucesso através de trabalho duro, frugalidade e perspicácia para os negócios, enfatizando o serviço a Deus através de conquistas materiais e perfeição moral.

Na primeira parte do livro, Equiano escreve sua família, relata os modos de viver de seu grupo, faz comparações com as maneiras européias e outras culturas:

“...E aqui eu não posso evitar sugerir o que me atingiu há muito tempo de forma contundente, a forte analogia a qual, mesmo por este esboço, imperfeito como é, parece prevalecer nas maneiras e costumes de meus contemporâneos e àqueles dos judeus, antes que alcançassem a Terra Prometida...”
(pg. 15)

Mais à frente na narrativa, Equiano descreve o rapto do qual foi vítima, juntamente com sua irmã, nas proximidades de sua casa. Depois de serem amarradas e amordaçadas, as duas crianças foram levadas para a costa, viagem que durou alguns dias “em extensão, depois de muitos dias de viagem, nos quais eu troquei de dono algumas vezes”. Os dois irmãos tiveram destinos diferentes, sendo separados mesmo antes de avistarem o navio negreiro. Equiano rumou para Barbados, nas chamadas Índias Ocidentais. Viveu nesta localidade como escravo doméstico por um curto espaço de tempo, porque captou a atenção de um comandante inglês de nome Michael Henry Pascal, que o comprou para “dá-lo de presente a alguns amigos na Inglaterra”.

No navio *Industrious Bee*, no qual Henry Pascal era comandante, Olaudah diz ter visto um livro pela primeira vez: “Eu via meu dono e Dick lendo, e eu tinha uma grande curiosidade em conversar com livros, como eu pensei que eles fizessem, e então aprender como todas as coisas tinham um começo.” (pg.41)

Mas foi apenas quando Pascal o manda como servente para a casa de duas velhas senhoras que Equiano começa realmente aprender a ler “Eu tinha desejado por longo tempo ser capaz de ler e escrever e por este propósito eu tomei toda oportunidade para ganhar instrução...” (p. 51) Depois de ser batizado, na Igreja St. Margareth em Westminster, em fevereiro de 1759, ele ganhou um livro chamado “A Guide to the Indians” escrito pelo Bispo de Sodor e Man. Ele relata que chegou a freqüentar uma escola antes de ser chamado para voltar a servir Pascal no navio: “Eu fui obrigado a abandonar a escola, da qual eu gostava muito e sempre freqüentava enquanto estava em Londres...nem eu deixei minhas patronas, as Senhoras Guerrins, sem tristeza e pesar. Elas sempre me ensinavam a ler...” (p. 53)

Olaudah afirma que depois desse período na casa das senhoras Guerin, sempre tivera o desejo de voltar para a Inglaterra. Em 1762, passados 8 anos de sua captura aproximadamente, seu dono o vendeu acusando-o de fuga. Na verdade, ele havia se rebelado por considerar-se merecedor da liberdade, tendo em vista sua passagem pela Inglaterra, seu batismo cristão, entre outros motivos. Entretanto, nenhum de seus apelos funcionou, ele não somente não conquistou a sonhada liberdade, foi forçado a retornar ao lugar que dizia detestar, as Índias Ocidentais. Equiano, então, passou a ser escravo de um comerciante quacker chamado Robert King e também

servia como marinheiro a um comandante chamado Thomas Farmer. Por ser alfabetizado e por possuir boas noções de aritmética, King o utiliza como uma espécie de administrador, ofício que o levou a fazer pequenas viagens pelas ilhas vizinhas, que o próprio Equiano relata ter sido um bom negócio.

Nos anos em que permaneceu com Pascal, no navio *Industrious Bee* e outros, Equiano conta que aprendeu alguns ofícios e sempre que podia exercia-os para ganhar algum dinheiro. Ele continuou a exercê-los nas Índias Ocidentais, e relata que, com essas pequenas quantias, comprava mercadorias num porto e vendia no outro, sempre com uma margem de lucro. Afirma ter sido assim, que conseguiu o montante para a compra de sua liberdade, em 1766. Equiano só parte para Inglaterra em 1767, trabalhando como marinheiro no navio *Andromache*. Desse momento em diante, Olaudah trabalhou vários anos em navios, mas seu "porto" era a Inglaterra, lugar que escolheu como lar. Ele só expressa desejo de retornar à África como missionário.

Nos seus intervalos em terra, e alguns foram relativamente longos, Olaudah trabalhou como assistente de um cientista chamado Charles Irving, servente em algumas ocasiões e também mordomo de Mathias Macnamara. Em toda narrativa percebe-se que ele se descreve como um homem "cristão operoso", que alcançou benefícios na vida graças a seu esforço pessoal e ajuda de pessoas elevadas (nos dois sentidos da palavra).

Equiano intensificou seu contato com o grupo abolicionista liderado por Granville Sharp, a partir de 1773. Nessa ocasião, um amigo seu, o africano John Annis, foi mandado de volta ao Caribe, para trabalhar nas plantations. Olaudah apela a Sharp, que tentou ajudar mas não conseguiu trazer de volta para Inglaterra Annis, que acabaria morrendo nas Índias Ocidentais. Esse momento marcou um envolvimento maior de Equiano com a causa da abolição do tráfico, no sentido da ação política, ele começou a participar de debates, ouvir diversas opiniões e também passou a emitir as suas próprias.

A "expedição dos negros pobres para Serra Leoa" foi outro momento fundante na "transformação" de Equiano. Essa expedição foi uma tentativa de resolução para o crescente número de negros pobres em Londres, considerados por alguns como elementos difusores do que acontecia nas plantations e nos negreiros.⁶ Um grupo também ligado a Granville Sharp decide então escolher a Serra Leoa para receber esses negros. Equiano foi indicado para ser o comissário de provisões e estoque, pelos motivos mais visíveis já citados, seu bom conhecimento das letras e dos números, além do seu conhecimento formal de navegação. Mas, a rede de relações que Equiano possuía na comunidade branca também deve ter pesado para sua indicação.

Ainda na fase de organização da viagem, Olaudah acusou o líder de corrupção e foi acusado de insubordinação. O caso tornou-se público, vindo a ser descrito por Equiano no jornal "The Public Advertiser" antes mesmo de sua dispensa do cargo, em março de 1787. O mesmo jornal publicou artigos contrários a Equiano, acusando-o de insolência para com os superiores e fazendo alusões à cor de sua pele.

Embora o evento tenha trazido desdobramentos desagradáveis, acabou transformando Olaudah em figura pública. Se já havia uma rede de relações que ele construía ao longo de sua vida, agora essa rede o considerava uma pessoa importante para falar contra o tráfico. Quem melhor que um africano, ex-escravo, testemunha de tantas iniquidades, mas também de tantas maravilhas (posto que Olaudah afirma ser um viajante, desejoso de conhecer o mundo e as letras), para falar contra o tráfico e contra a escravidão? Ressurge então Olaudah, o Africano. Explicamos melhor, durante toda a sua vida após ser renomeado (com aproximadamente 10 anos de idade), Equiano usou o nome *Gustavus Vasa*, inclusive assinava-se assim em cartas e notas. Ao que parece, a retomada do nome africano está relacionada aos debates travados sobre a escravidão e a decisão de escrever uma autobiografia.

No mesmo ano de 1787, o London Abolition Comittee formava-se para agitar opiniões e publicar informações contrárias ao tráfico. A organização do comitê só veio a congregar diversos simpatizantes da causa, e o grupo publicou folhetos, tratados e artigos em todo o país, postulando contra o tráfico diversos argumentos, de ordem filosófico/religiosa e econômica. Inclusive, várias petições foram mandadas ao Parlamento entre 1787-88, dentre elas uma de Olaudah. Neste sentido, o momento se mostrava altamente favorável para a publicação de sua autobiografia. Seu livro é um testemunho, um posicionamento frente ao mundo, mas não pode ser considerado como uma escrita íntima. Equiano cita seu casamento, por exemplo, num parágrafo. Ele não

relata sequer como conheceu a esposa e sua família. Não há espaço para relatos íntimos nas linhas de Olaudah, já que seu intento é político. E ele parece deixar isso explícito no prólogo da primeira edição:

"Eu sei que devo a vocês perdão por apresentar um trabalho tão completamente destituído de mérito literário; mas, como produção de um africano iletrado, o qual é impulsionado pela esperança de tornar-se um instrumento para o alívio de seus sofridos contemporâneos, eu confio, que tal homem, defendendo tal causa, será absolvido de audácia e presunção. Possa Deus inspirar seus corações com benevolência naquele dia no qual a questão da abolição será discutida, quando milhares, em consequência de sua determinação, conhecerão felicidade ou miséria".⁷

Sendo a memória social seletiva, tem princípios muito próprios de seleção, que variam em relação ao lugar, grupo e tempo. Pretendemos, ao estudar autobiografia, memória e contexto, conservar a especificidade do texto de Olaudah, entretanto a época, o meio e a ambiência devem ser valorizados como fatores capazes de caracterizar uma atmosfera que explicaria a singularidade de sua trajetória, o que nos permitiria compreender o que à primeira vista parece inexplicável e desconcertante.⁸

Desde o princípio da narrativa, Olaudah diz que recorre à sua memória para passar para as pessoas a verdade sobre sua trajetória, essa verdade está permeada pela intenção de se mostrar um homem de valores e experiências, que desde a tenra idade aproveitou todo o momento para aumentar seu conhecimento. Olaudah figura como um homem que usou o seu livro, e suas viagens para divulgá-lo, como uma forma de descortinar os horrores do tráfico. A literatura negra, da qual seu livro é precursor, contribuiu diretamente para os questionamentos sobre a escravidão por forjar arma essencial na mobilização da opinião pública.⁹

A publicação se deu graças às subscrições, que na época era uma prática bastante comum. Que se constitui da seguinte forma: um certo número de leitores - os subscritores - pagava adiantado para que o escritor pudesse ter o montante necessário à publicação. A primeira edição tem 530 páginas, divididas em dois volumes, que por sua vez estão organizadas em 12 capítulos que relatam fatos ocorridos desde a infância até o momento de decisão pela publicação da obra. A primeira edição esgotou-se rapidamente e ele publicou a segunda ainda em 1789. Houve uma terceira em 1790. Em 1791, a edição teve lugar em Dublin e na América do Norte. Neste mesmo ano, a obra tem traduções na Holanda, Alemanha e Rússia. Em 1792, a publicação se dá em Edimburgo. No ano seguinte, há mais duas publicações em Londres. Em 1794, tornou a ser publicada em Londres e Norwich. Equiano foi um best-seller. Ele morreu em 1797, deixando uma montante de 1000 Libras, quantia razoável para a época, considerando suas origens.

"A escrita de si", como prática sócio-cultural, pode ser entendida como elemento fundamental na construção de uma identidade. A identidade se constrói em relação ao "outro", de certo que voltamo-nos para o homem que produz a autobiografia, mas essas linhas não são tão somente deste indivíduo em questão, posto que as autobiografias, em especial as narrativas de memórias, são relacionais e dialógicas, um "eu" que conversa com muitos.

Em sua narrativa, Equiano responde à pergunta que Philippe Lejeune¹⁰ considera fundamental para qualquer escrita de si: "como me tornei quem eu sou?". Por isso ele narra sua infância, aprisionamento, vida como escravo, seus costumes e cultura. Há outros "Equianos": o homem empreendedor que compra sua liberdade; àquele que busca a leitura e a escrita para compreender o mundo que se apresenta; àquele que está em busca espiritual; àquele que se condói do sofrimento humano; o homem que se constrói como figura pública por suas próprias mãos.

Olaudah Equiano foi um homem de conquistas, na sua narrativa ele expõe algumas de suas incertezas, como artifício literário ou não, e se mostra em constante movimento. Ele se encontra na efervescência dos debates contra o tráfico atlântico de almas e as possibilidades latentes desses discursos contra a escravidão são uma presença nas suas linhas, além das idéias sobre a igualdade entre os homens.

A biografia seria um exercício para identificar uma figura num meio, examinar o sentido adquirido pela ambientação educacional geral, analisar as relações entre o pessoal e as forças envolvidas e fazer o balanço entre o herdado e o adquirido em todos os domínios.¹¹

Segundo Lejeune, é na segunda metade do XVIII que a pulsão autobiográfica torna-se fato social importante. Não é somente uma escrita de si, é uma escrita para si. Seria uma prática individual e social feita não somente pelos escritores, nas linhas de Olaudah Equiano estão diversos personagens, inclusive as personas que ele mesmo cria, como híbrido que é. O autor propõe algo ao leitor e demanda aprovação. O discurso autobiográfico implica num desejo de reconhecimento que não existe no discurso de ficção, àquele que escreve sobre si requer essa aprovação não somente para o texto, mas para sua pessoa e para sua vida, é um ato de convencimento.

Como autor, Olaudah tentou alcançar os corações e as mentes de seus leitores através de um discurso intencionalmente organizado e coerente. Ele, um ex-escravo, que pertenceu ao mundo inglês do século XVIII, proclamou uma igualdade de direitos e demandou o reconhecimento de sua raça como também capaz de realizações. E foi através da palavra escrita que Olaudah empreendeu seu embate contra o tráfico do qual foi vítima em tenra idade.

Equiano para querer demonstrar não ser um homem comum, construindo, intencionalmente ou não, uma persona imbuída de um espírito de busca de experiências e de investigação do mundo. Imaginar um ex-escravo participando dos debates político-literários, defendendo seus interesses era o bastante para impressionar leitores, tão acostumados a diferentes visões sobre africanos. Seria natural tentar apresentar as coisas da África sob uma luz positiva. Como um dos negros mais proeminentes em Londres, ele usou isso a favor da causa e para si mesmo.

A autobiografia tem um tempo que a sustenta, os leitores que a compõem, um momento que a propicia. É um intuito pessoal de deixar marca no social, não é um diário, mas sim um testemunho que é dado ao público, intencional e demarcado. Olaudah Equiano, o africano, engendra uma narrativa política e social, narrando a vida de Gustavus Vassa, que em meio a fricções e constantes adaptações aprendeu a viver naquele mundo de diferença e pleiteou direito de igualdade.

A narrativa de Olaudah Equiano ou Gustavus Vassa é uma aventura biográfica, um discurso da diferença como enfrentamento e negociação, é um olhar matizado pelas experiências que o formou. Olaudah personifica sua proposta criando uma personagem de si mesmo, que através de um discurso de possibilidades do homem negro, que mesmo africano (ou não) e ex-escravo, é capaz de lutar e conquistar o direito de escolha, de religião, de identidade e de luta. Equiano se coloca como um homem de refinada moral cristã, um africano ilustrado de sentimentos pautados pela polidez. Os diversos autores citados que estudaram a autobiografia de Equiano apresentam abordagens diferenciadas sobre Olaudah, entretanto, todos concordam que sua narrativa tem características memoráveis e muita força.

¹ "The interesting narrative of Olaudah Equiano or Gustavus Vassa – The African " foi impressa pela primeira vez na Stationers Hall. Gustavus Vassa é o nome que Olaudah "recebe" ainda menino no navio. É interessante pensar na questão do nome próprio e sua pertinência quando abordamos faces da diáspora africana. Pierre Bourdieu toca nessa questão no artigo sobre a "Ilusão Biográfica" que nos trouxe reflexões sobre Olaudah.

² This kingdom is divided into many provinces or districts; in one of the most remote and fertile of which, named Essaka, situated in a charming fruitful vale, I was born, in the year 1745. (pg. 2)

³ Phillip Curtin. Africa Remembered. Wisconsin: University of Wisconsin Press, 1968.

⁴ James Walvin. An African's Life: the life and times of Olaudah Equiano, 1745-1797. London: Cassell Press, 1998.

⁵ Angelo Constanzo. Surprising narrative – Olaudah Equiano and the beginnings of Black autobiography. London: The X Press, 1998.

⁶ Apud. James Walvin.

⁷ Op Cit. James Walvin.

⁸ Giovanni Levi. Usos da biografia. In: Marieta de Moraes Ferreira & Janaína Amado (org). Usos e abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 5ª edição, 2002.

⁹ Paul Edwards & Daniel Dabydeen. Black writers in Britain – 1760-1890. Edinburg: Edinburg University Press, 1991.

¹⁰ Michel Delon. Propôs recueillis avec Philippe Lejeune – Pour l'autobiographie. Magazine Littéraire – Les écriture de moi, Paris, n. 409, p.20-23, Mai 2002.

¹¹ Philippe Levillain. Os protagonistas: da biografia. In: Rémond, René (org). Por uma história política. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/ FGV, 1996. p. 165.